

# Esboços brasileiros

ENRICO TORRE

## Minha interpretação do conto *Uma Galinha* de Clarice Lispector

O breve conto *Uma Galinha*, da escritora brasileira Clarice Lispector, foi uma leitura bem interessante embora tenha me deixado algumas dúvidas. Na minha opinião, se trata de uma metáfora para a condição da mulher na sociedade brasileira no século passado. Em particular, isso me parece se tornar evidente em alguns trechos do textinho. Primeiro, a escritora nos conta que “...pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar”. Isso me lembra da condição da mulher na Europa (mas suponho que a mesma coisa se passava no Brasil também), quando a mulher era considerada incapaz de tomar suas próprias decisões. Além disso, a autora descreve a galinha como “Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga”: a mulher não triunfa como faria um homem. Também, a autora acrescenta que “morrendo uma, surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.” Outra vez, a galinha é descrita como um ser inútil: infelizmente, as jovens mulheres se consideravam de maneira semelhante. Porém, de repente, as coisas parecem mudar: como a galinha bota um ovo, todo mundo passa a tratar bem: ela chega mesmo a se tornar a rainha da casa. Isso me parece se referir à concepção da mulher como útil somente ao se tornar grávida: o valor da sua vida está enraizado na sua fertilidade. De fato, a galinha não parece se sentir a rainha da casa e, eu acho não ser por acaso que a autora utiliza a expressão: “se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais feliz.” As ‘fêmeas’ não têm os mesmos direitos que os ‘machos’. Afinal a galinha se matou: suponho porque já não era fértil e, então, a sua vida já não tinha valor nenhum. Estou curioso para saber se minha interpretação está correta.

## A União Europeia: ontem, hoje e... amanhã?

Eu acho que é inegável que a União Europeia fez coisas positivas. De fato, nossa identidade europeia nos concede direitos que não teríamos como cidadãos dos vários Estados Nacionais, embora poucas pessoas pareçam notar isto. Pessoalmente, eu me percebo, antes de tudo, como europeu e, depois, como genovês e italiano. Contudo, em geral, ao se adotar uma abordagem tecnocrática que privilegia os interesses da plutocracia, as instituições da UE fracassaram no seu duplo objetivo de, por um lado, derrubarem as barreiras culturais e, pelo outro, construírem um mundo novo centrado nas necessidades dos cidadãos. A partir da crise econômica de 2008, em todos os países da União surgiu um forte sentimento de rejeição à UE, que se difundiu bastante rapidamente. No Reino Unido, por exemplo, isso culminou com o Brexit. Embora eu não ache que a saída da Grã Bretanha represente um perigo enorme para a sobrevivência da UE, eu acho que a péssima gestão da emergência sanitária o poderia ser. Em geral, os Estados Nacionais responderam à situação incrivelmente mal, tardando muito em tomarem medidas para conter o contágio e se mostrando bem pouco solidários reciprocamente. As instituições supranacionais da UE basicamente não fizeram nada, revelando toda a sua fragilidade. Agora, a União Europeia foi chamada a enfrentar vários desafios, como a gestão da pandemia, a relativa crise econômica e a difusão de movimentos políticos de extrema direita

em todo continente. Eu acho que é preciso adotarmos uma mudança radical de curso se quisermos evitar que chegue a hora dos epitáfios para o projeto europeu.

### **A virada à direita**

O dia 28 de outubro de 2018 é uma data triste para todas as pessoas de orientação progressista. O segundo turno da eleição presidencial confirmou que Jair Bolsonaro seria o novo Presidente da República Federativa do Brasil. Depois do triunfo de projetos populistas de direita, como o Brexit no Reino Unido e a eleição do Donald Trump nos Estados Unidos, o sucesso de Bolsonaro representou mais um passo à frente para os movimentos de extrema direita, que já estavam crescendo em todo o mundo ocidental. Ao ser crítico da democracia, favorável à tortura, partidário do golpe militar de 1964 e hostil ao feminismo, ao ambientalismo e à defesa dos direitos humanos, Bolsonaro não parecia prometer nada de bom para o futuro do maior país da América do Sul. Além disso, o fato de a Amazônia e o Pantanal ficarem no Brasil, parecia ser uma razão a mais para nos preocupar. Depois de dois anos do governo Bolsonaro, nossas preocupações parecem justificadas: o Brasil parece se tornar um país cada vez mais desigual: nos últimos dois anos os incêndios nas florestas aumentaram muito e o Brasil foi um dos países que mais sofreu com a pandemia do Covid-19. Contudo, o presidente e a sua equipe de governo adotaram uma atitude arrogante e depreciativa para com aqueles que tentaram responsabilizá-los pela terrível situação que o Brasil está vivendo hoje. Posto isto, cabe uma pergunta fundamental: quais são os motivos que levaram a maioria dos eleitores a escolher o Bolsonaro? E o Trump? E o Brexit? Eu acho que estas são chamadas de despertar para todas as pessoas progressistas ao redor do mundo, porque são sinais de que perdemos contato com uma parte significativa da população.

### **Deus tenha misericórdia dessa nação!**

“Deus tenha misericórdia dessa nação!” Essa é a frase que rogou o deputado do PMDB-RJ Eduardo Cunha na noite do 17 de abril de 2016 antes de declarar seu voto. Nesta noite, a Câmara dos Deputados aprovou o relatório da comissão especial, favorável ao impedimento da presidenta da República, Dilma Rousseff. Na minha opinião, a frase do deputado Cunha é o momento mais representativo do processo que levou ao impedimento da presidenta (além do espetáculo ridículo, absurdo e incrivelmente hipócrita da professora Janaína Conceição Paschoal). Eu acho que é bem significativo que todos os deputados e senadores que votaram a favor do impedimento raramente mencionem fatos ou evidências que demonstrem o crime de responsabilidade de que a presidenta foi acusada na denúncia apresentada pelo procurador da justiça Hélio Bicudo. Quase todos falaram fórmulas abstratas, mencionando conceitos como Deus, pátria, família, filhos, netos, aproveitando do conúbio “fé - ignorância” que caracteriza uma parte da população brasileira (e mundial, aliás). Após anos de esforços, que começaram com a Operação Lava Jato conduzida pelo juiz Sérgio Fernando Moro, as forças reacionárias finalmente conseguiram acabar com o governo do PT. Hoje em dia, o presidente da República Federativa do Brasil é o senhor Jair Bolsonaro, um homem que tem um passado de torturador nos anos da ditadura. No momento presente, como resultado da atitude irresponsável do supracitado presidente, a covid-19 já matou mais de 200mil brasileiros, as desigualdades sociais estão piorando e os incêndios nas reservas verdes vão se multiplicando

a cada dia. Afinal, parece que o senhor Cunha estava certo: Deus tenha misericórdia dessa nação!

### **Educação formal e consciência política**

Alguns dias depois da liberação de Lula em 2019, João Gordo entrevistou o professor Fernando Haddad no seu programa de YouTube, *Panelaço*, uma reflexão do professor Haddad em relação à situação política atual do Brasil me impressionou muito por sua inteligência. Em algum ponto, João Gordo observou que ele, Haddad, está fora de moda no mundo político atual por ser tão intelectual porque a tendência hoje é ser (ou, melhor, se *passar por*) burro. Então, o professor contestou que para ele a história não tem um desenvolvimento retilíneo e que os acontecimentos históricos nem sempre estão relacionados com o nível de escolaridade. Para demonstrar isso, Haddad mencionou o exemplo da Alemanha dos anos trinta. O professor destacou que naquela época a Alemanha era o país mais avançado em quase todas as ciências, sobretudo na física, na biologia e na medicina. Apesar disso, as condições sociais geraram a monstruosidade do nazismo. Logo, o professor Haddad afirmou que, às vezes, a sociedade entra em um túnel não por falta de capacidade, mas porque as emoções e as pulsões superam a racionalidade, e a propaganda faz com que a população acredite em tudo, mesmo nas coisas mais absurdas (João Gordo mencionou as ‘mamadeiras de piroca’ como exemplo). Na opinião do professor, o nível de compreensão política não tem correspondência imediata com a formação escolar. Às vezes, disse o professor, ‘a pessoa mais humilde é a que está mais atenta em relação a isso’. Por conseguinte, o antídoto para consertar a situação político-social do Brasil atual não é, necessariamente, fomentar a educação formal da população, mas sim estimular o desenvolvimento da sua consciência política.

#### **“Erros básicos”:**

#### **Sérgio Moro, a língua portuguesa e a agressividade na internet**

Aparentemente, o juiz Sérgio Moro muitas vezes comete erros de gramática ou pronúncia em seus discursos. Em um caso, ele foi criticado duramente pelo professor de português Diogo Arrais, no site “Exame”, por falar “*para que houvessem reformas...*” em vez de “houvesse”. Porém, o advogado online, Manuel Almeida, evidenciou que, na sua análise, o próprio professor Arrais também cometeu um erro. De fato, ele utilizou a expressão “um erro básico”, que não existiria em português (na opinião do advogado, seria “um erro grave” ou “uma infração de uma regra básica”). Ademais, uma colega dele, Cristina Moraes, adicionou mais críticas aos “professores de línguas de hoje”, até mesmo afirmando que a eufonia é um critério melhor do que a gramática para distinguir o certo do errado na língua (“como ensinavam os professores de outrora”). Além disso, ela afirmou que os professores de hoje não conhecem as regras de formação de palavras. Bem, eu acho que aqui há alguns problemas muito grandes, que vão muito além das supostas deficiências linguísticas de Moro, Arrais ou quem quer que seja. Primeiro, me parece absurdo que se utilizem episódios de importância bem secundária como este para atacar uma figura institucional (embora eu não apoie Sérgio Moro). Depois, ainda mais absurdo me parece que se acusem “os professores de hoje” de serem “ignorantes” (todos?) por ensinarem expressões gramaticalmente corretas, embora estas “soem mal” (como linguista, eu suspeito que seus professores “de outrora” lhe ensinaram algo um pouco diferente, embora eu não possa saber com certeza). Por último, eu acho insuportável a

agressividade que impera na internet: me incomoda cada vez mais o fato dos usuários utilizarem a web para ridicularizar outras pessoas. Em particular, estou farto do uso da palavra “ignorante” ou “superficial” para menosprezar quem tenha uma opinião diferente. Talvez, esteja me tornando velho, mas eu acredito na seguinte citação de Sócrates: “Eu sei apenas uma coisa – que eu não sei de nada”. Que tal deixarmos de nos insultar uns aos outros através de um teclado?

### **O que há em um nome?**

Em um dia cinza de chuva e nevoeiro, visitei o *Museo do Pobo Galego*, que está localizado no centro da cidade de Santiago de Compostela, no noroeste da Espanha. Entre as muitas coisas que pude observar neste museu, uma deixou uma marca bastante profunda em mim. Trata-se de um documento que oficializa a mudança institucional do nome de uma menina, que os seus pais chamaram *Libertad* (‘liberdade’). U nome suspeito, talvez subversivo, que não podia ser aceito de forma nenhuma pelo regime ditatorial. Por tanto, a pobre criança veria o seu nome mudado para *Máxima*. O mecanismo me parece tão simples quanto cruel: quita-se a identidade de uma pessoa, mesmo de uma família através de um ato burocrático. Nega-se o direito dos pais de escolherem um nome para sua filha por razões ideológicas (ou melhor, de oportunismo institucional). Nega-se a uma pessoa o direito de existir com uma determinada identidade. ‘O que há em um nome?’ perguntava o Romeu de Shakespeare. Bem, neste caso, muito. No caso do nome de uma pessoa, há muito da sua identidade. Já que uma imagem vale mais do que mil palavras, eu sugiro que todos deem uma olhada no documento, onde verão as linhas traçadas bem acima do nome de *Libertad*. O emblema de uma liberdade negada duas vezes: o nome da liberdade e a liberdade de escolher um nome. Não quero me aprofundar em reflexões metalinguísticas; porém, quero destacar a importância de que haja um documento escrito para levar a cabo este ato de prevaricação institucional. Como diziam os romanos: *verba volant, scripta manet*. Ou seja, a prova escrita de que é o Estado, o regime a ter a derradeira palavra em definir quem você é. Afinal, sua identidade pertence a ele, o Estado, e não a você.